

# Editorial

A historicidade das ações humanas é pressuposto científico consolidado. Na tradição marxista, o materialismo é a concepção geral de mundo, e Marx e Engels deram forma à visão teórica sobre o desenrolar da história concebido como materialismo histórico. Os estudos de Karl Marx em *O Capital* e Friedrich Engels em *O anti-Düring* contêm os fundamentos desta concepção, como a importância do desenvolvimento econômico das sociedades, os modos de produção, a divisão em classes sociais e a luta de classes.

Marx e Engels, com presença mais explícita nos escritos do segundo, são responsáveis pelo desenvolvimento de outro componente que se junta ao materialismo histórico como elemento fundamental, trata-se do materialismo dialético. Esta concepção, mesmo antes de ser explicitada na expressão materialismo histórico e dialético, tem o seu significado acompanhado o marxismo desde suas origens e conserva hoje relevância e interesse e dá ao marxismo o alcance de totalidade que permite ver a historicidade dos fenômenos naturais, como destacada nesta passagem:

“Conhecemos apenas uma única ciência: a ciência da história. A história pode ser examinada sob dois aspectos: história da natureza e história dos homens. Os dois aspectos, contudo, não são separáveis; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionarão reciprocamente”. (MARX e ENGELS, p. 23-24).

O materialismo dialético é uma concepção de mundo que sintetiza duas áreas de conhecimento antes separadas, o materialismo filosófico e as ciências naturais. Pode-se afirmar também que nesta concepção o método é dialético e a interpretação dos fenômenos é materialista. As leis e características da dialética se encontram na própria natureza e têm sido conhecidas pela capacidade humana de dominar os fenômenos naturais e sociais.

O universo, nesta concepção, é considerado como uma totalidade, um sistema com subsistemas ligados e afetados de forma recíproca (Cardoso, 1988, p. 3-4), desenvolvendo-se na forma de um ciclo eterno. Esta visão, apresentada por Engels, tem resistido às críticas e descobertas, como a teoria da relatividade generalizada. A interpretação desta teoria que descreve o universo oscilante<sup>1</sup> (explosão/expansão/contração/nova expansão) é coerente com a visão de Engels.

A historicidade dos fenômenos naturais tem sido alvo de questionamentos, uma vez que se propõe a estender a esta parte da realidade os princípios do materialismo histórico e dialético. Um problema na relação materialismo dialético e natureza, colocado pelos estudiosos franceses Pierre Jaeglé e Pierre Roubau, é a invariância, ou seja, a busca de constantes que permitam prever e agir com certeza ou algum nível de

<sup>1</sup> Novello, no artigo publicado nesta edição, dá às leis da física dimensão histórica amparado na concepção do universo oscilante (*bouncing*).

exatidão (Cardoso, p. 13-14). Os críticos a esta posição afirmam que a estabilidade relativa das estruturas no curso da transformação não está excluída.

Entre outras razões, pode-se afirmar que sendo o ser humano parte da natureza não há como excluir as ciências naturais da base teórica de estudos científicos, portanto não há motivos suficientes para o descarte da dialética da natureza. Ciro Flamarion afirma que problemas internos ao marxismo, como o atraso nas traduções, entre outros, limitaram a influência dos estudos de Engels e Lenin junto aos cientistas naturais. No momento em que suas análises obtiveram maior divulgação, o conhecimento naquelas áreas tinha avançado de tal forma que deixavam de interessar mais diretamente aos cientistas naturais.

Esta é uma questão crucial que ainda está a exigir maiores investigações para que se busque a unificação teórica dos campos de estudo natural e social, especialmente, porque lembrara Engels que a “cada descobrimento transcendental” no campo das ciências naturais, o materialismo deveria mudar de forma.

A Crise Orgânica do Capital, com seu componente de crise ambiental, que tem agravado a contradição entre sociedade e natureza, assumindo aspectos de tragédia mundial, traz a urgência da retomada desta reflexão sobre a unidade natureza/sociedade e a necessidade de superação do modo de produção capitalista por outro que o desenvolvimento não entre em contradição antagônica com a natureza (Bevilaqua, 2009, p. 7 e 12 e 25).

O número 7 de *C&LC* que apresentamos oferece uma boa oportunidade para se retomar esse importante debate, pois boa parte dos artigos e a resenha reportam a esta temática. “O novo constitucionalismo latino-americano: uma alternativa à modernidade europeia”, de José Luiz Quadros de Magalhães, discute teoria do Estado e das Constituições, a partir das Constituições Plurinacionais do Equador (2008) e Bolívia (2009) e a experiência da Convenção Constitucional do Chile, dialogando diretamente com o pensamento decolonial, o direito à diversidade e a superação da uniformização imposta pelos impérios capitalistas do norte.

Adelmar Santos de Araújo, em “Notas sobre o materialismo histórico”, analisa a influência do marxismo em outras linhas teóricas e contextualiza as tensões que impactaram a visão de mundo desses dois autores.

“Dependência cósmica das leis da Física”, de Mario Novello, argumenta que o reconhecimento do caráter histórico da natureza e, conseqüentemente, da Física, conforme proposto por Marx e Engels no século XIX, é chave para analisarmos os processos que ocorrem no universo que envolvem sua origem e evolução.

“As instituições em Marx: uma análise introdutória”, de Homero Antunes de Souza Neto, propõe uma leitura atenta da obra de Marx, e que possa revelar elementos institucionais já existentes em seu trabalho e destacar a relevância da obra do pensador alemão para as discussões institucionais recentes.

Karoline Guimarães, em “Patrimônio, identidade social e política: a luta de classe em Volta Redonda através do Memorial 9 de Novembro”, aborda a relação da cidade de Volta Redonda (RJ) e sua história política com a memória da greve de 1988.

“É preciso estar atento: economia política da informação em tempos

de capitalismo de vigilância” de Camila Mattos da Costa, debate a relação entre dados, vigilância e capitalismo na atualidade, como componente fundamental da lógica de acumulação capitalista; afirma que a compreensão de tal fenômeno é necessária para orientar as lutas emancipatórias.

A resenha da entrevista visa divulgar as ideias e atuação de Luiz Carlos Prestes, no momento em que se lembra os 125 anos de sua trajetória.

Comissão de Edição, dezembro de 2022

## **Referências**

BEVILAQUA, Aluisio. **As Alterações Climáticas e Globalização Neoliberal.** Uma análise marxista. Rio de Janeiro: Editora Inverta, 2009.

CARDOSO, Ciro F. S. **Ensaio Racionalistas.** Rio de Janeiro: Campus, 1988.